



Roman Krznaric
Filósofo

Entrevista

Revolução iminente

Roman Krznaric é um filósofo australiano, filho de pai polaco e de mãe romena – ambos refugiados de guerra. Veja o que tem a dizer sobre o tema da empatia e o seu projeto inovador.

O que o levou a escrever sobre empatia?

Há uns anos atrás estava a andar na rua onde morava e passei por um sem-abrigo, por quem tinha passado durante muitos anos e com quem nunca tinha parado para falar. Pensava que não teríamos nada em comum, porque estava sempre a falar para si próprio e a apanhar cigarros usados do chão. Mas nesse dia parei para falar com ele, e descobri que tinha estudado Filosofia, Política e Economia na Universidade de Oxford. Desenvolvemos uma relação de amizade com base num interesse mútuo por Aristóteles e pizza com *pepperoni*. Fomos amigos durante muitos anos, até à morte dele há dois anos.

Como definiria empatia?

A empatia é a capacidade ver além de rótulos como as roupas, as pronúncias e as origens. É a capacidade de habitarmos, imaginativamente, a pele de outra pessoa, de entender os seus sentimentos e pensamentos. É muito diferente de sentir pena, porque a empatia implica um esforço para imaginarmos o que é ser a outra pessoa.

É uma capacidade inata?

Sim, a maioria das pessoas nasce com essa capacidade. Mas precisamos alimentá-la e exercitá-la. Existem programas que ensinam empatia. O mais famoso chama-se *Roots of Empathy*, que começou no Canadá. Levam um bebé para a sala de aula, e a turma como que adota o bebé durante esse ano.

As crianças sentam-se à volta do bebé e começam a fazer perguntas sobre ele, aprendem a colocar-se no lugar dele. Depois os educadores usam essa experiência como ponto de partida para falar sobre o que é ser como uma criança em cadeira de rodas, ou uma criança que é intimidada no recreio.

Por que é que diz que os níveis de empatia têm vindo a diminuir?

A queda mais acentuada ocorreu nos últimos 10 anos, graças ao aumento do egoísmo e do narcisismo. Nos últimos 12 meses, cerca de 70% das pessoas na Europa e nos EUA foram alvo de abuso ou assédio *online*. Quantos mais "gostos" no Facebook tiverem, mais narcisistas tendem a ser os indivíduos. Além disso, a indústria da publicidade está sempre a dizer-nos para cuidarmos de nós, para nos preocuparmos com os nossos próprios interesses e prazeres. As ideologias políticas dizem-nos para só termos empatia com as pessoas que são como nós, que acreditam na mesma religião, que têm o mesmo estrato social, que são do mesmo país. Estamos a viver uma espécie de declínio de valores coletivos. Precisamos de alargar a nossa empatia a pessoas fora dos nossos círculos sociais.

Há culturas mais empáticas do que outras?

Gostava de poder dar uma resposta simples, mas esta é uma questão complexa. Quando

fui ao Brasil pela primeira vez fiquei surpreendido com o facto de as pessoas serem tão abertas emocionalmente – cumprimentavam-se com beijos e abraços. Fossem familiares, amigos ou estranhos. Por um lado, há essa abertura emocional incrível, que é o que os psicólogos chamam de empatia emocional. Por outro lado, vemos pessoas a viverem em condomínios luxuosos que têm, nas traseiras, favelas gigantes onde vivem milhares de pessoas na pobreza. É uma sociedade em que podemos testemunhar o poder da empatia numa área da vida, mas também verificamos a ausência dessa capacidade noutra.

Então, se formos mais empáticos as diferenças socioeconómicas serão atenuadas?

Sim, penso exatamente isso! Hoje, a desigualdade continua a ser um enorme problema na Europa, porque as pessoas que estão no poder são os ricos e não querem compreender a vida das pessoas de estratos socioeconómicos mais baixos. Isto só será resolvido se todos praticarmos outrospeção em vez de introspeção.

Por que é que criou o Museu da Empatia?

Fala-se cada vez mais sobre empatia, por causa da investigação em neurociência. Sinto que precisamos de incentivar o debate na cultura popular. Para isso, precisamos de projetos criativos e de aproveitar os recursos disponíveis.

Top 10

"Há filmes incríveis, que nos ajudam a compreender as perspetivas de outras pessoas, e de culturas diferentes da nossa. Mas os grandes filmes sobre empatia também são difíceis, desafiantes", declara Roman Krznaric. Neste sentido, pedimos ao filósofo e autor que sugerisse alguns filmes para desenvolvermos os nossos níveis de empatia. Veja a lista.

1. *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund
2. *A Oeste Nada de Novo* (1930), de Lewis Milestone
3. *O Ato de Matar* (2012), de Joshua Oppenheimer e Christine Cynn
4. *Amigos Improváveis* (2011), de Olivier Nakache e Eric Toledano
5. *I Am* (2010), de Tom Shadyac
6. *O Escafandro e a Borboleta* (2007), Julian Schnabel
7. *Segredos e Mentiras* (1996), de Mike Leigh
8. *Gandhi* (1982), de Richard Attenborough
9. *O Meu Pé Esquerdo* (1989), de Jim Sheridan
10. *Dos Homens e dos Deuses* (2010), de Xavier Beauvois

MUSEU DA EMPATIA



Criado por Roman Krznaric, este projeto será inaugurado no mês de setembro, em Londres.

Umhas semanas depois, em outubro, o Museu da Empatia segue para Paris. Trata-se de um museu itinerante que "vai viajar por toda a Europa, Austrália e outros lugares", esclarece o filósofo. Como? Num

autocarro ecológico, onde terão lugar as exposições e atividades que têm como objetivo estimular a empatia através de "conversas entre estranhos". No Museu da Empatia, descreve Roman Krznaric, "encontrará uma loja de sapatos onde um ator lhe calçará um par de sapatos do seu tamanho, que podem pertencer a um

padre gay, a um refugiado, ou a um sem-abrigo; vai andar nesses sapatos e ouvir a história de vida do dono dos mesmos". Embora não esteja prevista uma passagem por Portugal, Roman mostrou-se receptivo à ideia: "Se formos convidados por um museu ou uma galeria, em Lisboa, levamo-lo lá".

empathymuseum.com